

MEDIDAS CONTRA A SECA

Gerson Camarotti e
Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Em sua primeira entrevista coletiva realizada no Brasil depois de sete meses, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez questão de dizer que o governo não está parado em relação ao principal problema que enfrenta e anunciou um pacote de medidas para atenuar os dramas provocados pela seca no Nordeste.

Já a partir de segunda-feira, dia 1º de junho, o governo estará liberando verbas para o que o presidente chamou de frentes produtivas. O presidente baixará uma medida provisória, nos próximos dias, criando uma fonte de financiamento, com recursos do Orçamento da União no montante de R\$ 650 milhões, para as frentes produtivas.

Segundo o presidente, as anunciadas frentes incluem programas de alfabetização, treinamento e contratação de pessoas na agricultura e obras contra a seca, além da distribuição de cestas básicas. O objetivo do governo é atender até um milhão de pessoas na região.

“Frentes produtivas” foi a nova denominação que o governo encontrou para classificar uma ver-

são melhorada das já conhecidas frentes de emergências que são criadas de tempos em tempos no Nordeste, em época de seca prolongada. “O nordestino quer respeito. Ele aceita comida porque precisa, mas o que ele quer é trabalho”, explicou o presidente.

Além de um longo pronunciamento sobre as ações do governo frente aos efeitos da seca no Nordeste, o presidente respondeu a perguntas sobre dengue, desemprego, greve nas universidades, incêndio em Roraima, déficit público. Enfim, muitos dos temas que afligem a população foram abordados na entrevista realizada nos jardins do Palácio da Alvorada, na manhã de ontem. Ao todo, o presidente falou durante quase 90 minutos.

BADERNA

Em relação aos saques no Nordeste, o presidente foi enfático e classificou a atitude como baderna: “Promover saque é fazer um assalto ao interesse do povo. Eu até apelaria, como já apelei uma vez como presidente da República: se quisessem brigar esperem a campanha eleitoral”.

Provocado pelos jornalistas, Fernando Henrique acabou falando das recentes pesquisas eleitorais

André Corrêa



Fernando Henrique, nos jardins do Alvorada: “O nordestino quer respeito. Ele aceita comida, mas quer trabalho”

que mostram uma queda nas intenções de votos ao seu nome, culpou a demora na aprovação das reformas por parte do déficit nas contas públicas e falou muito de política.

Pela primeira vez ele mudou o tom de suas declarações e acabou reconhecendo a existência de erros em seu governo. “Eu não quero negar que o governo também errou

numa porção de coisas. Eu também errei. É normal. Isso aqui é um processo e ninguém é infalível. Não é o meu estilo tapar o sol com a peneira. O que eu quero dizer apenas é o

seguinte: mesmo quando eu erro, erro porque eu não sei, ou porque a minha convicção estava errada. Não foi por má-fé”, disse o presidente.

Sobre a economia do país, o presidente disse que não haverá mais pacotes econômicos e que o déficit está sob controle. Ele aproveitou para defender as medidas que tomou em outubro passado, em plena crise das bolsas.

“Olhem a Indonésia como está hoje. Eu sei que nós temos dificuldades que nós pagamos. Eu pago um preço por essas dificuldades, pessoalmente, também. Mas pago com a consciência tranquila porque o Brasil não perdeu o rumo”, avaliou o presidente, acrescentando que a Rússia também deve passar por dificuldades, já que não tem condições políticas de unir o país.

Na entrevista, o presidente aproveitou para dar um puxão de orelha — de forma indireta — no ministro da Educação, Paulo Renato, já que não está existindo mais diálogo entre o governo e os professores universitários, em greve há dois meses. “Acho que devemos conversar mais com os professores. Sou um democrata e precisamos amadurecer mais o país”, disse, acrescentando que, na condição de professor universitário, era doloroso cortar o ponto dos professores.